

ALFAGUARA

# Andrea Bajani

## Se guardasses os nossos pecados

Tradução de Sofia Ribeiro



Acho que também te aconteceu a ti, a primeira vez que aqui chegaste. Que havia um homem, logo a seguir à zona franca de recolha de bagagem, à tua espera, com o teu nome escrito numa folha branca. Um a um, olhava os rostos, tentando adivinhar qual seria o correto para associar ao seu cartaz. O homem que me esperava fazia pressão contra a barreira, erguendo o papel mais alto do que todos os outros e, mais do que um procedimento de receção, com aqueles cartazes no ar, parecia uma manifestação de dissidência. Reconhecemo-nos, eu dirigi-me a ele, que dobrou o papel em quatro e o fez desaparecer no bolso da lapela. Tinha escrito o teu nome e apelido, como se quem devesse chegar fosses tu e não eu, que tinha ido ali para te ver entrar clandestinamente.

Demos um aperto de mão para nos apresentarmos e não dissemos mais nada um ao outro. Disse-me apenas que se chamava Christian, e baixou os olhos. Ficou impresso na minha mão o contacto com aquela pele dura, uma mão que parecia ter sido emprestada, tão estranha era ao rosto suave que não me olhava. Bem-vindo à Roménia, acrescentou, e depois pegou nas minhas malas. Ficámos parados por alguns instantes, a poucos metros das portas de correr, eu que não me decidia a sair e as portas que abriam

e fechavam à passagem das pessoas. Bem-vindo à Roménia, tinha-me dito, contudo, naquele aeroporto romeno eu só via italianos em trânsito, homens e mulheres apressados que corriam, ofegantes, atrás de malas a tiracolo e malas com rodas. Que eram os mesmos com quem eu tinha voado até poucos minutos antes, os mesmos que tinham começado a gritar ao telefone assim que o avião parou na pista, os mesmos que tinham continuado a gritar dentro do autocarro e que depois desapareceram com a bagagem de mão enquanto eu ia esperar pela mala de porão. No meio daquelas pessoas cheias de pressa, estiveste uma vez também tu.

O Christian ficou ao meu lado por um tempo, os dois especados naquela área de trânsito. Mas depois ele tomou a iniciativa, disse-me Segue-me e dirigiu-se para a saída, deslizando pela abertura das portas. Visto de trás, espadaúdo e de pescoço encurvado, dava para perceber a dureza das mãos. Quando levantei a cabeça, o Christian já lá não estava, vi-o desaparecer do outro lado da rua, as pessoas continuavam a passar, o altifalante a dizer Aeroportul Otopeni e depois a debitar chegadas e partidas em todas as línguas do mundo. Assim, também eu fui contra a porta de vidro, o prazer de vê-la abrir-se de cada vez, um instante antes de esbarrar nela. Dei por mim do lado de fora, o sol explodiu-me na cara, e ali estava a Roménia. Procurei o Christian naquele vaivém, mas os faróis nos para-brisas eram demasiado violentos e eu não conseguia olhar para lá deles. De repente, vi-o junto de mim, havia alguns instantes que estávamos lado a lado sem o saber, ambos a procurar-nos do outro lado da rua. Em seguida, atravessámos à procura de espaços no meio do trânsito, sinuosos por entre os carros na fila, as mãos

nos capôs para proteção. Andámos um bocado à volta dos carros estacionados, o Christian não se lembrava de onde tinha estacionado. Quando viu o carro, acelerou o passo. Fê-lo piscar com o comando, pôs metódicamente as minhas malas dentro do porta-bagagens. Ao nosso lado havia um *Dacia* muito velho, com um ar desgastado, parecia estar ali há cinquenta anos. O estacionamento estava cheio daqueles carros que pareciam encalhados, como bicicletas deixadas amarradas a postes, os proprietários já mortos há muito e as pessoas passando por elas.

Quis que eu me sentasse atrás, disse-me Por favor, abrindo a porta. Depois, durante a maior parte da viagem, permaneceu em silêncio, eu olhava-lhe para a nuca, para a linha do cabelo, procurava nele a Roménia, algum vestígio de ti. De vez em quando ele olhava-me pelo espelho, dizia-me Sinto muito pela tua mãe. Pronunciava essas palavras num italiano límpido, uma insinuação de estranheza, mais no olhar com que as dizia do que na forma com que saíam. Tinha o rosto trespassado pelo luto, como se aquela viagem iniciada no aeroporto já fizesse parte da tua cerimónia fúnebre. O Christian foi teu motorista durante muitos anos. Sempre que aterravas em Bucareste, ele aparecia no aeroporto, esperava por ti pouco atrás da barreira e, em seguida, libertava-te das bagagens. De todas as vezes, fazia-te sentar atrás, procurava uma boa frequência de rádio e, sem teres de acrescentar mais nada, levava-te para a empresa. À noite, ia buscar-te e levava-te para casa. Desde então, o carro foi sempre o mesmo, o teu nome impresso de lado, juntamente com o do teu sócio. Estavas sentada onde agora me sento eu, vias o que agora vejo eu, a cidade terminando de repente e nós, de súbito, ao ar livre num campo que era o mesmo durante quilómetros.

O Christian tinha trinta anos no máximo, mas parecia muito mais velho, cabelos grisalhos acima das orelhas, os olhos pequeninos como caramelos embrulhados entre tufos de rugas que se estendiam para fora. Conduzia agarrado ao volante, como se quisesse contrapor com a força dos braços a estrada batida por onde me levava. Fazia-o com uma qualquer forma de deferência, porque apesar da minha idade eu continuava a ser teu filho. A cada buraco olhava-me no espelho e dizia Desculpa, como se fosse culpa sua não me deixar encontrar tudo em ordem. Era por isso que íamos devagar, o Christian a fazer pequenos *slaloms* para evitar os buracos e eu agarrado ao banco da frente e a apetercer-me rir, nem eu sei porquê. De vez em quando passávamos por uma carroça puxada por cavalos, o Christian indicava-mas arqueando as sobranceiras num misto de orgulho e vergonha. O campo era interrompido por uma fileira de barracões de lata, enfiadas lado a lado, cada uma com o seu próprio nome no topo como uma bandeira, nomes italianos, franceses, alemães, dinamarqueses, americanos. O teu não o encontrei, no meio daquele cordão de paralelepípedos que corria ao nosso lado durante quilómetros como uma parede de lata e cimento.

Depois recostei-me no assento, o Christian ligou o rádio e tinha-me debaixo de olho dentro do espelho. Levantei a tampa do cinzeiro, debaixo havia um cemitério de beatas esmagadas, os teus cigarros; fechei-a de repente. Estamos quase a chegar, disse-me o Christian passado algum tempo. Mas eu não sabia aonde estávamos a chegar. Eu só tinha recebido o telegrama do teu sócio, aquele sócio que estava impresso contigo na parte lateral do carro. No telegrama estava apenas indicada a data do funeral e um número de telefone para o qual comuniquei

a hora da minha chegada ao Aeroporto de Otopeni. Ao telefone, uma rapariga tinha-me dito que alguém me viria buscar e me levaria ao meu Destino. Tinha-me dito também Lamento, Lorenzo, e disse o meu nome como se nos conhecêssemos há muito tempo.

Tínhamos saído da estrada principal, tínhamos seguido por uma estrada de terra batida que cortava o campo ao meio, o Christian desligou o rádio. Ao longe, à nossa frente, via-se um pavilhão azul plantado no meio do nada, uma espécie de pavilhão de caça feita de chapa metálica. No telhado, em frente à entrada, havia duas bandeiras penduradas, a maior era a italiana. Ao lado, mais pequena, ondulava a bandeira da Juventus. O Christian virou-se para mim, disse Aqui estamos, e voltou a olhar em frente. Abrandou, buzinou duas vezes e o portão abriu-se em dois. Repeti Aqui estamos, e depois entrámos, as duas asas do portão fechando-se lentamente atrás de nós.

Foi assim que o revi finalmente cara a cara, ao fim de tantos anos. Enquanto o Christian manobrava lentamente entre os veículos todo-o-terreno deixados no meio da praça, vi-o separar-se de um grupo de trabalhadores e vir na nossa direção. O Christian parou o carro, desligou o motor e disse-me novamente Bem-vindo à Roménia, com um meio-sorriso, como se a Roménia não fosse a que eu vira ao descer do avião, mas a que se reunia dentro do pátio daquele edifício azul. O teu sócio desembainhava a mão de longe, abrindo-se num sorriso acolhedor. Bem-vindo à Roménia, disse-me também ele. Apresentou-se então com o apelido enquanto me dava um aperto de mão, pondo a outra sobre as nossas mãos apertadas, para reiterar o calor do gesto. Anselmi, disse-me, como se não nos conhecêssemos. Bailámo-lo um pouco, aquele aperto de mão, olhando um para o outro como dois chefes de Estado que não falam a mesma língua. Finalmente vês este lugar, acrescentou. Entretanto, o Christian passou por nós com as minhas malas. O Anselmi desvinculou-se do aperto de mão e agarrou-o por um braço, abruptamente. Trocaram algumas palavras, a olhar para o carro, depois o Christian voltou para trás, abriu o porta-bagagens e tornou a pôr as minhas

malas lá dentro. Reservámos-te um quarto num hotel no centro, disse-me ele. Pousou o braço sobre os meus ombros e fez-se confidente. Sinto muito pela tua mãe. Não estávamos nada à espera.

Sei muitas coisas sobre ti, disse ele em voz alta, quase a gritar. Também devo ter uma fotografia tua em algum sítio. A seguir abriu os braços a toda a volta e perguntou-me: Imaginava-lo assim tão grande? Eu disse Não propriamente, e girando o corpo, olhei para o edifício, os todo-o-terreno com os vidros abertos no meio da praça, as plataformas empilhadas. Nesta zona somos os maiores. Aterraste em Otopeni?, perguntou-me, olhando para o ar. Assenti. Fantástico, então viste-nos. Se chegares de avião, nesta zona só nos vês a nós. Eu acho que também nos veem da Lua, acrescentou, ou do satélite, como a Grande Muralha da China. Veem este campo e, no meio do campo, veem-nos a nós. Dizia isto mais a gritar do que a falar, porque dos armazéns vinha um barulho de golpes de metal, o chiar da soldadura, os gritos dos operários. Como podes ver, estamos sempre a trabalhar, disse-me, nunca paramos. De vez em quando, um trabalhador saía numa empilhadora, atravessava a praça e desaparecia no pavilhão em frente, depois voltava mais devagar e com a empilhadora carregada de papelão. Andava para a frente e para trás entre as duas partes da construção, enquanto o teu sócio me falava das dificuldades e da glória, da Roménia, que é uma terra excecional, cheia de desejo de redenção e cheia de raparigas como as que não há em mais nenhuma parte do mundo. Olha, dizia, apontando para o operário em trânsito, dantes não conseguiam trabalhar, agora vê. Tirámos-lhes a Idade Média da cabeça, a esta gente.

Depois virou-se, o rosto cheio de orgulho apontando para uma rapariga sentada nos degraus, disse Aquela é a Monica. Diz-me se alguma vez viste uma rapariga assim. A rapariga percebeu que estávamos a falar dela, sorriu e cumprimentou-nos. Olha como ela cumprimenta, disse-me o Anselmi, olha aquele sorriso. E agora vais ver como ela corre, mal a chamo. Começou então a gritar o nome dela e acenar para que ela viesse. Ela levantou-se, ajeitou a saia e apressou-se na nossa direção. Se ela tivesse cauda, abanava-a, disse ele, seguindo-a com os olhos. Quando chegou ao pé de nós, ele pôs-lhe o braço à volta da cintura. Olhei primeiro para ele, e a seguir olhei para ela. Com uma certa falta de à-vontade, estendeu-me a mão, disse Sou a Monica, falámos ao telefone. Ao lado do Anselmi, parecia minúscula, quase metade do tamanho dele, duas pernas nervosas saltando da saia, o cabelo preso na cabeça e olhos tão verdes que não se lhe via o nariz. O Anselmi afastou-se nesse momento, disse que me deixava em boas mãos e dirigiu-se para o grupo de operários do qual se destacara quando nos viu entrar. Tinham ali ficado o tempo todo. Espreitavam-me enquanto eu falava com o Anselmi, dava para ver que não sabiam quem eu era, mas talvez vissem algo de ti na minha cara. Sinto muito, disse a Monica a mexer as mãos, eu disse Obrigado. Apetecia-me acrescentar Não te preocupes. Éramos dois, sem ter palavras, eu a olhar para o pavilhão atrás dela e ela a olhar, envergonhada, para o espaço entre os meus pés e os seus. Ficámos assim por um tempo, e o burburinho da fábrica ajudava a evitar que parecesse um silêncio.

O Christian ficou sentado no carro o tempo todo, a porta aberta e um pé para baixo. Nem o Anselmi nem mais ninguém lhe dirigiu a palavra. Só a Monica lhe tinha dito um Olá vazio ao passar por ele, e o Christian respondera-lhe com um olhar preguiçoso e um aceno do queixo. De vez em quando, tirava o telemóvel do bolso do casaco, abria-o mecanicamente e depois voltava a metê-lo no bolso. Olhava para a frente, para lá do para-brisas, como se tivesse o mar à sua frente e não uma parede de chapa metálica.

Desculpa o meu italiano, disse a Monica, seguindo com o olhar o operário na empilhadora. Tinha pronunciado tão poucas palavras, que eu nem reparei no seu italiano. Infelizmente, não o estudei, aprendi com ele. Disse Ele apontando para o Anselmi, aludindo a uma suposta familiaridade partilhada, que, no entanto, dizia respeito apenas a ti. O Anselmi tinha-lhe dado o pouco de italiano que conhecia, palavras intercetadas por acaso e depois cosidas à pressa aos outros pedaços de discurso. E, de facto, agora que ela se deixava ir, percebi que falava como ele, com a mesma cadência, usando termos emprestados de uma constituição diferente, ela com o porte ligeiro dos seus vinte e cinco anos e ele que aparecia na sua boca

com violência. Via-se que queria aliviar a tensão, que não sabia o que me dizer, dizia Bem, de vez em quando, depois ria-se, mexia as mãos, repetia Bem. Perguntou-me Gostas da Roménia?, eu disse-lhe Acabei de chegar. Há coisas boas e coisas más, continuou, como em todos os países. Claro, respondi. Depois sorriu, disse Vocês, os italianos, gostam das gajas romenas. Disse-o como o Anselmi o teria dito, com as mesmas palavras, a mesma inflexão. Com a mesma gravidade.

O portão abriu-se e entrou uma carrinha. O Anselmi conduziu-a até ao fim da praça e olhou-me com um sorriso de orgulho, como que a dizer Nós nunca paramos. O motorista saiu e abriu a porta de trás. Dois trabalhadores saltaram e começaram a passar caixas para outros dois, que pegaram nelas e as empilharam numa plataforma. O Anselmi dirigia as operações à distância, para evitar que alguma manobra desajeitada lhe sujasse o fato escuro. Terminada a descarga, fechou a porta de trás, pagou ao motorista e deu uma palmadinha na carrinha que partia, como teria feito aos quartos traseiros de um cavalo.

Quando o Anselmi se juntou a mim, a Monica tinha acabado de sair. Disse-me Com licença e foi-se embora a correr, como se de repente se tivesse lembrado de alguma coisa. Anda, que te vou apresentar aos outros, disse-me ele, agarrando-me pelo braço, Até os operários gostavam dela. Desde que cheguei, eles estiveram sempre ali, a falar a meia-voz. O filho da Lula, anunciou então, como se eu tivesse saído de um bolo. Acaba de chegar de Itália e já compreendeu que isto é o centro do mundo. Disse Isto apontando para a esplanada de cimento onde nos encontrávamos. Como se, uma vez mais, o centro do mundo fosse aquele armazém, e não a Roménia que, por acaso,

o circundava. Desataram todos a rir, um riso forte. Quem chega aqui nunca mais sai, disse o Anselmi. Alguma vez pensaste porque é que a tua mãe não voltou? Já fizeste a ti mesmo esta pergunta?

## **E se entre uma mãe e um filho houvesse sempre a sombra da culpa? Acorado numa história de abandono, eis um romance que não pretende sarar feridas nem esquecer o silêncio.**

«Eu ia para o meu quarto e depositava o saque no tapete. Era cada vez mais difícil encontrar espaços livres para guardar as lembranças que me trazias [...]. Havia-as de todos os países, de todos os cantos do planeta, no meu quarto, que, viagem após viagem, se tornava o mapa-múndi da tua ausência diária.»

Em Bucareste, um filho e uma mãe há muito distantes reencontram-se. Um reencontro que não chega a sê-lo, porque a mãe acaba de morrer. De Itália até à Roménia, Lorenzo refaz o caminho que levou Lula para longe. Observando as mesmas paisagens e ocupando os lugares onde ela viveu durante os longos anos em que estiveram separados, Lorenzo leva a cabo o seu solitário trabalho de memória: tenta reconstituir o rosto de uma mulher cujo retrato se foi tornando cada vez mais fugidio, e analisa impiedosamente as fundas cicatrizes do seu próprio abandono.

*Se guardasses os nossos pecados* é uma comovente carta da mais longa despedida. Mestre de uma escrita hipnótica, Andrea Bajani constrói uma narrativa tensa e sublime, situada na intersecção de ilusões desfeitas, possibilidades de recomeço e um amor incondicional. Uma elegia, um réquiem, um acerto de contas — um romance precioso.



**«Um romance estoico, de um realismo que se aproxima da alucinação e de uma sordidez que conduz ao desespero [...] Inesquecível. Juntamente com o autor, aguardamos pelo romper da aurora, quando todas as luzes se apagarão.»**

MIRCEA CĂRTĂRESCU

**«Bajani é um mestre da contenção emocional e da economia estilística. [...] Um romance de beleza assombrosa e inquietante.»**

*Times Literary Supplement*


**Premio Super Mondello ★ Premio Brancati  
Premio Recanati ★ Premio Lo Straniero**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)

 [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-443-7



9 789895 894437